

O QUE SERÁ DE NÓS?

Renato Machado de Almeida, CFA®

Setembro de 2012

O título deste artigo parece exagerado, mas tem como objetivo atrair a atenção dos investidores para um tema importante e urgente: como estar seguro sobre o futuro de seus investimentos tendo como base as mudanças radicais por que passa a nossa economia?

A recente e extraordinária redução na taxa de juros no país torna necessária esta reflexão por parte dos investidores brasileiros. Movimento que, se por um lado é extremamente positivo por incentivar investimentos produtivos, por outro, afeta impiedosamente a nós investidores, acostumados a taxas de juros reais muito elevadas, na casa de 6% a.a.

Uma conta simples mostra o tamanho do impacto. No passado recente e que muito provavelmente não voltará mais, uma aplicação de pouco menos de R\$ 2.800.000,00 em um CDB ou fundo DI resultava em aproximadamente R\$ 10.000,00 de renda líquida mensal (considerando 6% de juro real, 5% de inflação e 15% de imposto de renda). Hoje, precisaríamos investir mais do que R\$ 12.600.000,00 no mesmo CDB ou fundo DI (considerando 2% de juro real, 5% de inflação e 15% de IR) para obter os mesmos R\$ 10.000,00 de renda líquida mensal. Ou seja, precisamos de R\$ 10 milhões a mais, ou quatro vezes e meia o valor necessário no passado recente!

Esse cálculo se torna ainda mais preocupante quando incluímos outros fatores que completam o quadro, todos eles exigindo uma maior acumulação de patrimônio por parte dos investidores, como o aumento da expectativa de vida e o crescimento dos custos com saúde acima dos índices inflacionários.

Muitos deverão se lembrar do famoso Jorginho Guinle, *playboy* que passou os últimos anos de sua vida sem recursos, vivendo do auxílio de amigos. Ele mesmo confessou que fez a conta errada, não imaginando que viveria tantos anos (88), pois o dinheiro simplesmente acabou enquanto ele vivia. Também é muito conhecido o ditado "pai rico, filho nobre, neto pobre", que exemplifica o que a falta de planejamento pode causar ao patrimônio familiar em poucas gerações.

Infelizmente, as condições atuais de mercado, notadamente a queda acentuada dos juros, o aumento de expectativa de vida e a elevação dos custos no trato da saúde, resultarão em um significativo aumento de casos como este, o que é bastante preocupante.

A situação veio para ficar e teremos que nos adaptar a ela. O que fazer então para garantir patrimônio e renda no futuro?

Os analistas financeiros estão afirmando, muito corretamente, que apenas através de mais risco há a possibilidade de maior retorno. Infelizmente, estamos falando de uma possibilidade de maior retorno, não uma certeza. O que significa a palavra "risco" no mercado financeiro? Risco nada mais é do que a possibilidade de que o retorno inicialmente esperado não seja atingido. Ora, ao aumentarmos o risco objetivando o crescimento do retorno esperado, temos como efeito colateral imediato uma maior possibilidade de que este novo retorno esperado não se concretize.

Vamos analisar algumas alternativas isoladamente.

Muitos dizem que no longo prazo sempre vale a pena correr riscos através de investimento na bolsa. Será? Depende. Temos situações em que investimentos em bolsa em períodos longos, entre 10 e 20 anos, ofereceram retornos negativos. Utilizando o Índice Dow Jones como exemplo, onde podemos encontrar dados históricos mais antigos, quem investiu em 1929 só recuperou seu capital após 1950, ou mais de 20 anos depois. O investidor de 1965 só conseguiu seu capital de volta 20 anos depois, em 1985. E os que investiram no ano 2000 só obtiveram o retorno do capital investido mais de 10 anos depois. E estamos falando da bolsa dos USA, país de maior sucesso econômico no período analisado, e da rentabilidade das ações de grandes empresas (Índice Dow Jones). Se analisarmos o Nasdaq, talvez mais 10 anos (2022) sejam necessários para que os investidores recuperem o que foi investido no ano 2000. E aqui não se trata de uma previsão! Obviamente, também tivemos períodos de investimentos em bolsa extremamente positivos, com retornos muito superiores ao de renda fixa. Não estou afirmando que não devemos investir em bolsa, estou dizendo que não existe garantia de ganhos, nem mesmo no longo prazo.

O risco aumenta quando tratamos de ações específicas ou mesmo setores, ao invés do mercado de ações como um todo. O que ocorreu recentemente no Brasil com as ações que pagam elevados dividendos, largamente recomendadas por muitos nos últimos meses? Ocorre que elas são um excelente investimento desde que continuem a pagar elevados dividendos no

futuro. No caso das empresas de telefonia e do setor elétrico, por conta de interferências do governo nestes setores, a previsão de lucros e dividendos futuros despencou, e com ela o preço das ações “defensivas”, tão recomendadas para compra até há poucas semanas. Agora, são recomendadas para a venda, a preços mais baixos.

E quanto ao risco de crédito? Também é uma ótima maneira de aumentar a rentabilidade, desde que o crédito se prove bom, e os devedores cumpram com seus compromissos.

Imóveis, fundos imobiliários? Também excelentes alternativas, mas com riscos específicos e que precisam ser bem avaliados.

Títulos pré-fixados e títulos indexados à inflação deram muita alegria este ano por conta da queda da taxa de juros. E daqui em diante, com a taxa de juros se estabilizando, como se comportarão?

Investimentos no exterior? Crise da Europa? Os USA crescendo devagar e a China desacelerando...

Com tantas dificuldades e incertezas, a pergunta óbvia do investidor é: onde eu devo investir? Como eu posso escapar de tantas armadilhas?

A minha resposta é simples: de imediato não sei responder.

A única forma de responder adequadamente a esta questão é através de uma análise cuidadosa da situação de cada investidor no que se refere a composição de seu patrimônio, suas necessidades de renda futura, sua geração de caixa, idade, como está composta sua família, o que pretende deixar para as gerações futuras, que tipo de risco aceita correr, etc. A solução pode passar por uma realocação de ativos, redução de gastos, ou uma combinação de ambos.

Com base nesta análise e com as variadas alternativas de investimento de que dispomos hoje (bolsa, títulos pré-fixados, títulos atrelados à inflação, imóveis, fundos imobiliários, LCAs, LCIs, LFs, CRIs, investimento no exterior, fundos multimercados, crédito privado, VGBL, etc.) é que o investidor terá condições de fazer um planejamento cuidadoso, montando a carteira adequada, reduzindo as incertezas e portanto seus riscos.

Nós investidores brasileiros nunca tivemos tantas alternativas de investimento à nossa disposição. O profundo conhecimento de onde estamos e de onde queremos chegar, aliado a estas poderosas alternativas de diversificação são

as armas que poderemos utilizar para enfrentar as dificuldades futuras. O cenário já está definido e não parece favorável ao investidor despreparado ou mal orientado. O momento desta análise é agora e vale a pena refletir sobre isto.

Renato Machado de Almeida é CFA® (*Chartered Financial Analyst*) e sócio da WMA Consultores Associados Ltda.